

O maior aliado da América e o USS *Liberty*

Em 8 de junho de 1967, em meio à Guerra dos Seis Dias, aeronaves e embarcações navais israelenses atacaram o navio de inteligência da Marinha dos Estados Unidos, USS *Liberty*, matando 34 americanos e ferindo outros 171. O episódio permanece como um dos capítulos mais sombrios e controversos da história militar dos EUA – não apenas pelo ataque em si, mas também pelo encobrimento que se seguiu. Quando analisado no contexto do histórico mais amplo de agressões não provocadas de Israel, táticas pífidas e desrespeito pelo direito internacional, o caso *Liberty* destaca-se como um exemplo doloroso de como o governo dos EUA subordinou as vidas de seus próprios militares à sua “relação especial” com o chamado maior aliado da América.

Um padrão de agressão e perfídia

As ações de Israel em 1967 não podem ser entendidas isoladamente. A própria Guerra dos Seis Dias começou com um ataque aéreo preventivo e não provocado de Israel contra o Egito – uma clara violação da Carta da ONU. O direito internacional reconhece apenas ações defensivas após um ataque armado; não existe uma doutrina legal de “autodefesa antecipatória”. No entanto, Israel repetidamente encobriu suas guerras e ataques unilaterais sob essa racionalização inventada, desde a invasão do Sinai em 1956 até o ataque ao reator Osirak do Iraque em 1981 e além.

Igualmente preocupante é o histórico de Israel em enganos na guerra. O atentado ao Hotel King David em 1946 foi realizado por militantes sionistas disfarçados de árabes. O “Caso Lavon” de 1954 envolveu agentes israelenses plantando bombas em alvos ocidentais no Egito para culpar grupos locais. E, ainda em 2024, forças israelenses se disfarçaram de médicos, enfermeiros e pacientes para matar três palestinos dentro de um hospital – um ato que atende à definição de perfídia segundo as Convenções de Genebra. Nesse contexto, os eventos de 8 de junho de 1967 parecem menos um acidente trágico e mais parte de um modus operandi estabelecido.

O ataque ao USS *Liberty*

O *Liberty* era uma embarcação da Marinha dos EUA claramente marcada, repleta de antenas, com o número do casco e o nome pintados em grandes caracteres, e exibindo uma bandeira americana tão grande que não podia ser ignorada. Sobreviventes testemunharam que aeronaves de reconhecimento israelenses sobrevoaram o navio várias vezes naquela manhã, próximas o suficiente para que os pilotos acenassem para os marinheiros no convés. Horas depois, jatos israelenses não identificados atacaram com foguetes, napalm e fogo de canhão.

O ataque prosseguiu em fases. Primeiro, os ataques aéreos destruíram as comunicações, acompanhados de interferência deliberada de rádio para impedir chamadas de socorro à Sexta Frota dos EUA. Em seguida, vieram os barcos torpedeiros, um dos quais lançou um torpedo que abriu um enorme buraco no casco do navio, matando 25 homens instantaneamente. Sobreviventes relataram que as lanchas israelenses metralharam os botes salvavidas – um claro crime de guerra segundo as leis de conflitos armados. Finalmente, helicópteros armados pairaram sobre o navio destruído antes de interromper o ataque. Em todas as fases, os atacantes tiveram oportunidades de reconhecer o *Liberty* como americano. Em nenhuma fase eles pararam.

Israel afirmou posteriormente que confundiu o *Liberty* com o navio de transporte de cavalos egípcio *El Quseir*. Essa explicação desmorona sob escrutínio. Os dois navios não tinham nenhuma semelhança em tamanho, silhueta ou equipamento. Além disso, mesmo que Israel realmente acreditasse que estava atacando o *El Quseir*, seria culpado de outro crime de guerra – o ataque deliberado a uma embarcação civil desarmada que transportava gado.

Motivos e teorias

Por que atacar um navio americano? Várias possibilidades convergem. Ao afundar o *Liberty*, Israel teria silenciado uma embarcação encarregada de coletar inteligência de sinais – informações que poderiam ter revelado operações israelenses além do que Tel Aviv admitia a Washington. Ao usar aeronaves não identificadas e tentar afundar o navio completamente, Israel pode ter esperado culpar o Egito pelo ataque, arrastando os Estados Unidos para a guerra ao lado de Israel. E ao interferir nos rádios do navio, Israel deixou claro que não queria que os sobreviventes transmitissem quem era o verdadeiro atacante. A explicação mais plausível é que Israel pretendia que o *Liberty* desaparecesse sob as ondas, sem testemunhas para contradizer sua narrativa.

Encobrimento e traição

Se o ataque foi chocante, o aftermath foi vergonhoso. Os sobreviventes receberam ordens para permanecer em silêncio sob ameaça de corte marcial. A investigação da Marinha dos EUA durou apenas uma semana, com depoimentos rigorosamente restritos. O presidente Lyndon Johnson e o secretário de Defesa Robert McNamara chamaram de volta as aeronaves americanas enviadas para defender o *Liberty*, priorizando a geopolítica acima da vida de seus próprios homens.

Altos funcionários mais tarde admitiram a verdade. O secretário de Estado Dean Rusk declarou que nunca aceitou a explicação de Israel. O almirante Thomas Moorer, ex-presidente do Estado-Maior Conjunto, chamou o ataque de deliberado e o encobrimento de “um dos casos clássicos de todos os tempos de encobrimento da verdade pelo governo dos EUA”. O conselheiro presidencial Clark Clifford admitiu francamente que Washington julgava sua aliança com Israel “mais importante do que a vida de nossos homens”. Até mesmo a cerimônia da Medalha de Honra do capitão William McGonagle foi deliberadamente minimizada, sem as honras da Casa Branca geralmente concedidas.

Conclusão: O maior aliado da América?

O incidente do USS *Liberty* revela uma realidade brutal: em 1967, Israel matou e mutilou centenas de americanos, e Washington protegeu Israel das consequências. O ataque em si carrega todas as marcas de deliberação – várias fases, interferência deliberada, aeronaves não identificadas e o metralhamento de botes salva-vidas. O encobrimento prova que os líderes americanos estavam dispostos a sacrificar a justiça, a responsabilidade e a memória dos mortos para preservar uma aliança.

Por décadas, os sobreviventes realizaram memoriais amplamente ignorados por seu próprio governo, mesmo enquanto a retórica do “maior aliado da América” persiste em Washington. Mas os destroços do *Liberty* e os testemunhos de sua tripulação contam outra história – uma de traição, silêncio e uma relação na qual as vidas americanas foram consideradas descartáveis.